

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores, é com prazer que apresento o número 1 do volume 6 da revista *Fórum Linguístico*. Este número é um reflexo de uma das bases filosófico-epistemológicas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC – ao qual a revista está vinculada –, que é o incentivo à diversidade teórica no campo dos estudos da linguagem, pois nele podemos encontrar pesquisas oriundas de áreas e tendências teóricas distintas: formação de professores, sintaxe, sociolinguística e linguística aplicada: ensino-aprendizagem de LE.

O artigo de Nara Caetano Rodrigues, *Tecnologias de informação e comunicação na educação: um desafio na prática docente*, como o título indica, discute “o uso das tecnologias de informação e de comunicação na educação e os saberes necessários ao professor para atuar frente a essa demanda”. Para tanto, a autora faz “uma reflexão sobre a inserção de recursos tecnológicos nas escolas com fins educativos e a reação no ambiente escolar, bem como sobre sua influência na mudança nas práticas do professor” e analisa “os dados obtidos por meio da aplicação de um instrumento de geração de dados, com o objetivo de investigar como os/as professores/as de uma escola pública federal de ensino fundamental e médio, localizada em Florianópolis/SC, estão se posicionando frente ao desafio da utilização das tecnologias na sua prática educacional”.

Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi, no artigo intitulado *Distribuição de elementos leves dentro do VP em português: interação entre sintaxe, prosódia e estrutura informacional em teoria da otimidade*, analisam “o fenômeno da ordem de palavras dentro do VP em português, especialmente na variação entre complemento e advérbios monossilábicos, utilizando, para isso, o modelo da Teoria da Otimidade (TO)”. Segundo os autores, “o modelo proposto pela TO permite colocar em pé de igualdade restrições de natureza sintática, prosódica e de estrutura informacional da frase que atuam sobre a distribuição dos elementos dentro do VP em português”. A partir dos estudos de Costa (1998), propõem “quatro restrições (duas relativas à estrutura informacional da frase e duas de natureza prosódica) que podem explicar, de maneira econômica e relativamente bem motivada, a distribuição do acento nuclear da frase quando temos elementos leves dentro do VP em português”.

No artigo *Sobre a datação de você, ocê e senhorita*, Odete da Silva Pereira Menon salienta a importância de se conhecer a data em que uma palavra apareceu pela primeira vez em uma dada língua para poder balizar os estudos sobre as etapas de *implementação* e *avaliação* das mudanças linguísticas. Nesse contexto, a autora busca “situar, histórica e socialmente, o comportamento das formas de se dirigir ao interlocutor, usando as variantes mais gramaticalizadas do pronome *vossa mercê*, primeiro em Portugal (*você*), depois no Brasil (*você/ocê/cê*), corrigindo, atualizando e fixando datas de aparecimento dessas ocorrências”. Segundo Menon, “com a utilização de obras de autores nascidos entre o século XVII e o início do XX foi possível, inclusive, adiantar em meio século a datação do substantivo *senhorita*, indicador, talvez, de um novo estatuto para a mulher”.

Izete Lehmkuhl Coelho e Marco Antonio Martins, no artigo *A diacronia em construções XV na escrita catarinense*, a partir de resultados estatísticos sobre “a variação e mudança da ordem do sujeito e da posição do clítico em contextos XV”, analisam “os padrões empíricos da ordem (X)VS(O) em peças teatrais escritas por brasileiros nascidos em Santa Catarina nos séculos XIX e XX”. Segundo os autores, “com base em três tempos, a análise comparativa mostra que a escrita catarinense do final do século XX perdeu a inversão românica, está perdendo a inversão germânica e evidencia um aumento da próclise associado às construções SV. Há nos textos, todavia, um uso bastante regular da inversão inacusativa, não relacionado à mudança gramatical que está na origem do Português Brasileiro”.

O último artigo deste número da revista, *Vogais nasais do francês: observações sobre falantes nativos e aprendizes de FLE*, tal como o primeiro, situa-se no campo aplicado dos estudos da linguagem. Izabel Christine Seara e André R. Berri apresentam “uma análise acústica da produção de vogais nasais francesas por falantes nativos e por aprendizes de francês como língua estrangeira (FLE)”. Segundo os autores, “é possível mostrar que os dados exibidos pelos aprendizes de FLE são mais próximos das vogais nasais do português brasileiro (PB), apresentando também variantes que não estão presentes nem no sistema sonoro do francês nem do PB. As produções dos não-nativos representam um espaço acústico menos compacto se comparado ao espaço acústico das vogais nasais do francês”.

Feita a apresentação dos artigos deste número da *Fórum Linguístico*, desejo a todos uma leitura prazerosa e produtiva.

*Rosângela Hammes Rodrigues*

*Editora*